



A FILOSOFIA CÍNICA E AS PERSPECTIVAS ECOLOGISTAS EM EDUCAÇÃO¹

Rodrigo Barchi²

*A diferença, dizia-se, é o trabalho do diabo.
Ana Godoy (2008)*

Resumo

A filosofia cínica se manteve a margem da história da filosofia, pela sugestão que fazia às entregas aos prazeres e às pulsões, e pela busca da felicidade em vida. Seus adeptos mais notórios, como Antístenes e Diógenes de Sínope gostavam de ser chamados de “os cães”, devido ao modo de vida semelhante. Alheia às posições sociais e/ou religiosas e às riquezas materiais, sugeriu uma prática e um pensamento filosóficos desobedientes e insubmissos, como forma de destituir o que consideravam como os falsos valores da cultura dominante. Este artigo procura enfatizar as noções de zombaria, resistência e cosmopolitismo dos filósofos cínicos a partir da leitura de alguns de seus intérpretes contemporâneos, para depois as fazer dialogar com as perspectivas ecologistas em educação, buscando tecer e ampliar conexões, criando

¹ Texto apresentado no I Congresso Internacional de Filosofia da Educação de Países e Comunidades de Língua Portuguesa, realizado na Universidade Nove de Julho (UNINOVE), São Paulo/SP, Brasil, entre os dias 23 e 25 de setembro de 2009.

² Doutorando em Filosofia e História da Educação (Unicamp). Mestre em Educação (Universidade de Sorocaba) São Paulo – Brasil. E-mail: rbarchicore@uol.com.br

alternativas que possibilitem pensar e fazer educações ambientais libertárias, nômades, transversais e singulares.

Palavras-chave: Filósofos cínicos, educação ambiental, zombaria, resistência, cosmopolitismo.

Abstract

The Cynics have always been on the margin of the history of Philosophy due to their scorn to worldly pleasures and the pursuit of happiness in life, holding that self control was the key to the only possible good and virtuous life. Their most prominent philosophers Antisthenes and Diogenes of Sinope called themselves, and were called, “the dogs” for living and behaving like dogs. Indifferent to social position, religious practices and personal wealth, the Cynics became harsh critics of dogmatic thought and conventional social etiquette which they often ridiculed as the false values of their society. The reading of some contemporary interpreters of the Cynics, led us to write this article which tries to emphasize the notions of mockery, resistance and cosmopolitanism of the Cynic philosophers, comparing them to ecological perspectives in education, weaving and enlarging connections, creating alternatives to think and do environmental education in a libertarian, nomad, transversal and singular way.

Keywords: Cynic philosophers, environmental education, mockery, resistance, cosmopolitanism.

Reversão, perversão

O platonismo, de acordo com Deleuze, significa uma “Odisséia” filosófica, que estabelece um mito ou uma idéia, e sua respectiva estrutura, como a narrativa de uma fundação, que erige um modelo segundo o qual os diferentes pretendentes serão julgados (DELEUZE, 2006b, p. 260). Nessa dialética dos rivais ou pretendentes, Deleuze afirma que existem os modelos, construídos como forma semelhante ao mito ou ao fundamento, nos quais os pretendentes serão inseridos e participados; e existem os simulacros, os falsos pretendentes, dotados de malévolos potência e dissimilitude ao fundamento, sendo perversos e desviados.

O objetivo da divisão platônica, na leitura deleuziana, consiste em selecionar linhagens, distinguir pretendentes, os puros e os impuros, os autênticos e os “inautênticos”. Uma operação que busca de distinguir as boas e as más cópias:

Trata-se de assegurar o triunfo das cópias sobre os simulacros, de mantê-los no fundo, de impedi-los de subir à superfície e de se “insinuar” por toda a parte. (DELEUZE, 2006b, p. 262)

O caráter demoníaco do simulacro está no fato de que, se Deus fez os humanos à sua imagem e semelhança, estes, por sua vez, através do pecado, perderam a semelhança, mas mantiveram a imagem, a qual, apesar de produzir um efeito de conjunto, o faz, de acordo com Deleuze, através de uma disparidade, sobre uma diferença, interiorizando uma dissimilitude:

Se o simulacro tem ainda um modelo, trata-se de um outro modelo, um modelo do Outro de onde decorre uma dessemelhança interiorizada. (DELEUZE, 2006b, p. 262)

O Platonismo sugere então que, ao devir-louco do simulacro, deva ser imposto um limite. Que deva ordená-lo ao Mesmo (o modelo platônico), e torná-lo semelhante. O seu objetivo e vontade é fazer triunfar os ícones sobre os simulacros. Nem que para isso, seja necessário que a parte que permanecesse rebelde ficasse escondida o mais profundo possível, encerrada “numa caverna no fundo do oceano” (DELEUZE, 2006b, p. 264)

Portanto, na reversão do platonismo, a qual, de acordo com o próprio Deleuze, Nietzsche definia como a tarefa de sua filosofia ou de uma Filosofia do Futuro, o que interessa é fazer afirmar direito dos simulacros entre os ícones e as cópias. É o “crepúsculo dos ídolos”, o triunfo do falso pretendente, fazendo com que os modelos, as cópias, o semelhante também passem a ser os falsos pretendentes. O simulacro:

... torna impossível a ordem das participações, como a fixidez da distribuição e a determinação da hierarquia. Instaura o mundo das distribuições nômades e das anarquias coroadas. Longe de ser um novo fundamento, assegura um universal desabamento (*effondrement*), mas como um acontecimento positivo e alegre, como *effondement*. (DELEUZE, 2006b, p. 268)

Ao subir às superfícies, o simulacro, o falso pretendente, possibilita a potência de afirmar o caos. O caos criativo que nas superfícies destrói constantemente as cópias e os modelos, para fazer ascender as diferenças.

A essa “estranha arte das superfícies”, Deleuze deu o nome de perversão, ou seja, uma nova operação filosófica que se opõe, ao mesmo tempo, à conversão às alturas platônicas, quanto à subversão essencialista pré-socrática. Uma prática de provocação e zombaria às noções de ideal e perfeito.

Os cínicos

Entre aqueles que se destacam nessa “arte perversa”, estão os filósofos Cínicos, os quais foram os primeiros a se aproximar da tarefa de reverter o platonismo. Para Deleuze, as zombarias cínicas eram responsáveis por destituir as idéias, e estabelecer diferenças e heterogeneidades. Criando, com isso, possibilidades de resistência e destruição às hierarquizações e divisões estabelecidas pelo pensamento platônico.

Mas quem foram os Cínicos?

Para Goulet-Cazé e Branham (2007, p. 11) o cinismo foi provavelmente a ramificação mais original e influente da tradição socrática. Isso pelo fato dos cínicos terem sido filósofos que se caracterizavam por suas paródias, sátiras, provocações e zombarias. Se distinguiram não por ter classes de aula ou serem professores de

academias institucionalizadas, mas por exercerem uma “estética da existência” (ONFRAY, 2007, p. 147), na qual estavam inclusas o viver como se fossem mendigos, o prazer da boa mesa, a masturbação e a relação sexual em praça pública, o desprezo pelos poderes e seus órgãos, pelas normas e condutas sociais oficializadas.

Para possibilitar a inversão do resguardo e recato platônicos, os cínicos sugeriam a entrega às paixões, aos prazeres e as pulsões. Os cínicos desejavam uma vida dedicada à “desfiguração da moeda” e a busca pela felicidade em vida, alheia às posições sociais e/ou religiosas, riquezas materiais ou a esperança de uma vida perfeita após a morte graças à obediência e submissão às normas morais impostas por um mito fundador e o estabelecimento dos seus modelos e cópias.

Desfigurar a moeda significava desconstruir os valores falsos da cultura dominante, o que fazia a esse grupo assumir posturas e posições consideradas, naquele momento, escandalosas (GOULET-CAZÉ e BRANHAM, 2007, p. 34). Como, por exemplo, a zombaria aos conceitos platônicos, a resistência às normas e o entusiasmo ao cosmopolitismo, que foram vistos como loucas afrontas àquela sociedade.

Para essa tarefa, necessitavam de autodomínio e disciplina, que perpassavam pelo fato que o cínico, ao desprezar às convenções sociais, deveria se exercitar para ser indiferente ao que comia e bebia, e aos locais onde dormia e desfrutava seus mais distintos desejos. Antes de supor a redução da existência humana à resistência natural dos outros animais, os cínicos provavelmente sugeriam, nessas práticas, uma crítica social à desigualdade social grega. Não à toa o termo cínico se origina na idéia “a maneira de um cão”. Aliás, de acordo com Goulet-Cazé e Branham (2007), a origem da palavra cínico, derivada de “cão”, tem duas etimologias possíveis.

A primeira surge a partir do nome Cinosarges, o ginásio em que o grego Antístenes (446 a.c. – 366 a.c.) – contemporâneo de Platão – dava aulas, cujo nome em grego pode significar “cão branco” ou “rápido”, ou ainda, “carne de cão”. Para Onfray (2007), o Cinosarges era onde se encontravam os excluídos da cidadania grega, aqueles a quem o azar do nascimento os não havia feitos dignos de ter acesso aos cargos cívicos. Foi por dar aula nesse local que Antístenes é considerado como o primeiro cão pela história da filosofia, apesar de ainda não ter o radicalismo do cínico mais conhecido, Diógenes de Sínope (404 a.c. – 323 a.c.), que será abordado mais adiante.

A segunda etimologia, bastante próxima à realidade das características cínicas, vem do fato desses filósofos serem francos e diretos, já que, poderiam “abandar o rabo” para os amigos, e “latir” para os inimigos³. O próprio fato de viverem e realizarem todas as suas atividades em praça pública como se fossem realmente cães, abalava a moralidade grega do período.

Ao lembrar das relações carnavais públicas entre os cínicos Crates de Tebas e Hiparquia, Onfray (2008), afirma que além da sexualidade e da alimentação, os cínicos persistiam na metáfora canina quando se fala em habitação, já que não moravam em casas ou palacetes e sim em grandes ânforas que se assemelhavam à tonéis, e poderiam se acomodar em qualquer canto para descansar e dormir.

Aliás, outro fato que sugere o cinismo como reverso da contextualidade grega naquele momento, é o fato de uma mulher, Hiparquia, exercer a atividade de filósofa, provocando mais consternação e escândalo, já que a atividade filosófica era considerada restrita ao universo masculino.

Zombaria

Algumas das passagens sobre os cínicos registradas por Diógenes Laércio, na obra “Vidas de los filósofos ilustres”⁴, evidenciam as zombarias cínicas às condutas sociais e ao pensamento idealista e mágico do platonismo. O próprio estilo aforístico que foi atribuído aos cínicos – e que séculos depois foi utilizado por Nietzsche – já era considerado uma afronta e um desprezo ao pensamento linear e estruturado à respeito da essencialidade e a busca pelas alturas e profundezas das questões filosóficas.

Uma das anedotas históricas mais conhecidas relativas aos filósofos cínicos é a que Onfray chama de elogio do peixe masturbador⁵, como nos conta:

No porto de Atenas, de Sinope ou de Corinto, Diógenes de fato avistou – um godê? Um bacalhau? Um barbudo? Uma raia?

³ (DIÓGENES LAÉRCIO, 6.60, 2008, p. 306)

⁴ Utilizamos para esse trabalho a tradução do grego para o espanhol de Carlos García Gual, publicadas pela Alianza Editorial, 2008.

⁵ “Maturbando-se em público repetidamente decia: ‘ojalá se calmara el hambre también com frotarse la barriga’” (DIÓGENES LAÉRCIO, 6. 69, 2008, p.311)

Uma tainha? – um peixe que atormentado pelo desejo, esfregava-se numa pedra; logo sentiu-se melhor e foi capaz de retomar o curso normal de suas atividades filosóficas. (ONFRAY, 2008, p. 133).

Ao recusar o *nomos* (conduta), ou seja, a conveniência estabelecida como cultura, a prática do peixe masturbador de Diógenes invoca uma violência no pensamento, assim como Deleuze sugeriria, ao evocar as idéias de Artaud, um pensamento sem imagem. Ou seja, a criação do pensamento e dos conceitos, sem estar abrigado sob representações ou imagens dogmáticas tranquilizadoras, numa atividade que justamente envolva a destruição dessa imagem (DELEUZE, 2006a, p. 213)

O pensamento, de acordo com Deleuze quando evoca Artaud, não é algo inato, mas uma ação que deve ser engendrada no próprio pensamento, que faz com que Artaud se afirme como um genital inato, que opõe, no pensamento, a genitalidade ao inatismo, responsável pela impossibilidade da criação.

Essa mesma genitalidade fez com que o peixe de Diógenes se masturbasse em praça pública. Ou que então defecasse, urinasse, dormisse e até fizesse amor, como fizeram os discípulos de Diógenes, Crates de Tebas e Hiparquia. É uma ação que traz a violência ao pensamento, fazendo-o criar, fazendo-o agir, já que provoca e aflige as convenções sociais, desconstruindo as representações e imagens do pensamento.

Deleuze também afirma os cínicos como agentes dessa tarefa:

É uma reorientação de todo o pensamento e do que significa pensar: não há mais profundidades nem alguras. As zombarias cínicas (...) contra Platão são incontáveis: trata-se sempre de destituir as idéias e de mostrar que o incorporal não está nas alturas, mas na superfície, que não é mais alta causa, mas o efeito superficial por excelência, que ele não é essência, mas acontecimento. (DELEUZE, 2006b, p. 134)

Outras anedotas se referem às zombarias públicas à Platão, como por exemplo, aquela onde Platão, após expor sua definição de Homem como um ser bípede e sem penas, encarou Diógenes com uma galinha depenada nas mãos, e

afirmando: “Eis o homem de Platão”⁶. Ou ainda se recusar a levar a sério conceitos essencialistas como mesidade e copidade: “Yo veo una mesa y um tazón, pero de ningún modo la mesidade y la talonez”.⁷

Branham nos explica que Diógenes de Sinope, diferente dos metafísicos da época, contentava-se em derivar seu pensamento diretamente de sua prática (anti)social, “sem fundamentá-lo num domínio metafísico distante da experiência” (BRANHAM, 2007, p. 103), fazendo com que o lugar do cinismo na história da filosofia fosse sempre deixado à margem, quase que excluído.

O humor e o riso que Diógenes de Sinope e os outros cínicos tencionavam provocar com seus aforismos zombeteiros era justamente uma das formas a ser hostil e contrário ao poder, à autoridade instituída e seus argumentos. Sem o empecilho da vergonha ou do ridículo, os cínicos desejavam criar o riso com a sua própria exposição. A disciplina do viver de acordo com a *physis* (natureza) e não com o *nomos*, fez com que o próprio escárnio e difamação aos cínicos pudessem ter sido encaradas como uma forma de resistência ao constante assédio das convenções sociais.

Resistência

De acordo com Onfray, não há outro remédio contra as tiranias do que cultivar as energias das potências singulares (2007, p. 32). Ao criticar, zombar e ridicularizar os sistemas filosóficos, sociais e culturais dominantes, utilizando para isso sua própria existência, os cínicos abriram a perspectiva da criação do diverso, do múltiplo e do singular como formas de combate e desobediência ao instituído.

Os cínicos escolhem Hércules como seu herói, pelo fato de seu bastão ser sempre o símbolo de deslocamento e nomadismo:

Ora, Hércules se situa sempre com relação aos três reinos: o abismo infernal, a altura celeste e a superfície da terra(...) Ele sobe ou volta a descer por todos os meios: traz para aí o cão dos infernos e o cão celeste, a serpente dos infernos e a serpente do céu. Não mais Dioniso no fundo, ou Apolo lá em cima, mas o Hércules das

⁶ (DIÓGENES LAÉRCIO, 6.40, 2008, p. 297)

⁷ (DIÓGENES LAÉRCIO, 6.53, 2008, p. 303)

superfícies, as sua dupla luta contra a profundidade e a altura: todo o pensamento reorientado, nova geografia. (DELEUZE, 2006b, 135).

Além desse constante nomadismo, que não permitia ao Hércules a sedentarização a nenhum dos três reinos, os cínicos o admiravam pelo fato de sua estrondosa força física lhe permitir resistir aos piores e mais desgastantes trabalhos.

No entanto, a resistência cínica se dava em uma perspectiva concreta, já que viver no exílio, na pobreza e na fome exigia-lhe uma auto-disciplina (*askesis*) que fizesse aos cínicos garantir a continuidade de seus esforços. Resistência também a agüentar o desprezo da sociedade e a solidão necessária para manter a sua *autarkia*, a qual lhes permitia um dos seus principais objetivos, uma liberdade de fala (*parrhesia*) não atrelada aos discursos hegemônicos dominantes.

O próprio Alexandre Magno percebeu essa condição, no fato de Diógenes não ter se intimidado em sua presença, na célebre passagem em que o jovem conquistador, ao perguntar ao filósofo o que queria, este lhe respondeu para sair da frente do Sol, pois estava a lhe fazer sombra⁸. Não à toa, Alexandre afirmava que, se não fosse ele mesmo, queria ter nascido Diógenes⁹.

Assim como Antonin Artaud lutava contra a organização orgânica dos órgãos, desejando um corpo-sem-órgãos distanciado e contra o juízo de Deus que lhe impunha formas, funções, ligações, organizações dominantes e hierarquizadas (DELEUZE e GUATTARI, 1996, p. 22), os cínicos, rejeitavam e resistiam às convenções prescritas para funções naturais do corpo, como cuspir, emitir gases, masturbar-se (entre outras ações sexuais) e defecar:

As atitudes com referência ao controle corpora correspondem a atitudes quanto ao controle social. Essas substâncias chamam a atenção porque elas desafiam a distinção entre interior e exterior do corpo e podem, portanto, ser vistas como poluidoras e perigosas. (KRUEGER, 2007, p. 206)

Para recriar as funções corporais como forma de linguagem, os cínicos, mais do que simplesmente criar aforismos para perverter a filosofia, exerciam uma

⁸ (DIÓGENES LAÉRCIO, 6.38, 2008, p. 296)

⁹ (DIÓGENES LAÉRCIO, 6.33, 2008, p. 293)

resistência ao controle social às funções naturais dos humanos. Ao desconstruir as funções previamente estabelecidas e controladas pelas convenções sociais, eles criavam novas perspectivas, novos fazeres e pensamentos.

Cosmopolitismo

As ações cínicas transformaram-nos em constantes exilados. Sejam exilados geograficamente falando, devido à não sedentarização em um determinado local, sejam exilados no pensamento, estando sempre deslocados das concepções de identidade, comunidade e nacionalismo, desprezando a pólis, o Estado, a pátria. Como Diógenes diz de si próprio:

Sin ciudade, sin família, privado de pátria,
Pobre, vagabundo, tratando de subsistir dia a dia.¹⁰

Ou então na fala de Crates de Tebas:

No es mi pátria uma sola torre, ni um tejado,
mas toda la tierra me sirve de ciudadela y de morada
dispuesta a cobijarme¹¹

Os cínicos eram cidadãos do cosmos, por isso, cosmopolitas¹². Como nos alerta Moles (2007), o cínico, ao reavaliar termos como pátria, cidade, governo, e rejeitar categoricamente a polis como local de moradia, afeição e subserviência, expressa um pertencimento positivo à toda a terra, sendo às vezes um pertencimento a toda a humanidade.

Esse cosmopolitismo permite romper as dicotomias convencionais existentes entre homens e mulheres, entre as “raças” (MOLES, 2007, p. 129) e entre homens e animais. Afinal de contas, se os seres humanos, entre eles os cínicos, devoram os animais, não há porque negar o fato do direito dos animais devorarem os seres humanos. (MOLES, 2007, p. 128).

¹⁰ (DIÓGENES LAÉRCIO, 6.38, 2008, p. 296)

¹¹ (DIÓGENES LAÉRCIO, 6.98, 2008, p. 325)

¹² (DIÓGENES LAÉRCIO, 6.61, 2008, p. 307)

Mais do que uma leitura interpretativa primária de como viver de acordo com a natureza e os instintos primitivos naturais dos humanos, o cosmopolitismo cínico antecipa uma noção libertária de internacionalismo e sua crítica às instituições patriarcalistas, religiosas, estatais e econômicas como opressoras e controladoras dos corpos e desejos, como eliminadores de singularidades, e heterogeneidades, proibidora de mestiçagens e misturas. Se toda a terra pode servir de lugar para o cínico ficar e se locomover, é porque também poderia servir aos outros seres humanos. Como nos afirma Moles, o cosmopolitismo:

...oferece-nos também uma resposta parcial à questão de por que o cínico, apesar de sua auto-suficiência, preocupa-se com a situação moral dos outros homens. Como *kosmopolites* ("cidadão do cosmos"), ele reconhece seu parentesco potencial com os outros e tem, portanto, uma certa obrigação de ajuda-los. (MOLES, 2007, p. 135).

Onfray sugere também que o cínico praticava a mordida, o latido e o abanar de rabo com fins pedagógicos, procurando, através destes, inculcar mais sabedoria e virtude. Através do abanar de rabo, o cínico expressava a amizade, uma relação que permitiria uma alma solitária repousar em dois corpos:

... son modos de llamar la atención sobre la dirección que conviene a seguir, de mostrar el camino que hay de recorrer" (ONFRAY, 2007, p. 42)

Essa situação de se manter como um estrangeiro em todo o lugar, possibilitava ao cínico ser uma diferença que evita a homogeneização, uniformização e universalização. Porém, ao mesmo tempo, a diferença não é fator para que não haja a preocupação com os outros humanos. A própria divulgação da filosofia dos cínicos em praça pública para todos aqueles que pudessem ouvir – e não somente limitar a atividade às academias fechadas com alunos cuidadosamente selecionados – evidencia essa preocupação.

Cinismos e perspectivas ecologistas de educação

Menos do que estabelecer um consenso ao redor de uma idéia, os cínicos queriam ser agentes da diferenciação que possibilitaria a construção de conhecimentos e conceitos que resistissem à opressão e ao controle da vida. Ao tentar destruir o senso comum, refutar os valores estabelecidos pelo desejo de constante criação de novas formas de fazer e pensar, sendo eles mesmos objetos de experimentação e representação (BRANHAM, 2007, p. 101), os cínicos tornaram-se distinção, singularidade e dissenso. Possibilitam a criação da política como conjunto de ações dissonantes que perturba a ordem do consenso policial.

Mas as zombarias, a resistência e o cosmopolitismo cínicos podem ser conceitos pertinentes para se abrir novas possibilidades de diálogos e enriquecimento às propostas de educações ambientais cujas perspectivas libertárias promovam autonomia, autogestão, diferenciação, heterogeneidades e singularidades. Permitem pensar a participação das multiplicidades de singularidades até então excluídas tornadas alheias aos processos de tomadas de decisões ao que diz respeito às questões ecológicas, assim como possibilita a própria desconstrução das representações sobre os sentidos do que é ecológico.

O pensamento cínico sugere uma intervenção política das diferenças na construção das educações ambientais, não permitindo que sua elaboração teórica se limite a uma só força hegemônica. A qual, ao servir mais à manutenção dos poderes instituídos do que propriamente estar preocupado com as questões relativas à manutenção da suportabilidade da vida no planeta, contribui tanto para expansão da crise ecológica contemporânea, quanto para a manutenção das hierarquizações e exclusões do processo de tomadas de decisão.

Ao criar uma filosofia distinta dos sistemas estruturados e lineares platônicos, os cínicos abriram um caminho que seria seguido, de maneira diferente de acordo com o momento histórico e político, por perspectivas, movimentos e pessoas que almejavam transformações políticas, sociais, culturais e ambientais, sem necessariamente desejarem a tomada do poder. Os cínicos zombaram do mundo das idéias de Platão e de seus seguidores, pois acreditavam que uma filosofia deveria se orientar pelas práticas e vivências cotidianas, considerando que é isso o interesse dos seres humanos, e não necessariamente a busca pela perfeição e pelas idéias. É justamente a crítica feita pelas perspectivas libertárias e ecológicas de educação.

Se prendendo aos modelos estabelecidos por órgãos detentores e reguladores, a educação ambiental corre o risco negativo de tornar-se um modelo cristalizado que até permite algumas mudanças conceituais conservadoras, mas nada que ameace o poder e sua estrutura. Pode promover práticas descontextualizadas nas mais diversas dimensões: histórica, geográfica, social, cultural, econômica, e mesmo ambiental, se mostrando alheia às diferenças e singularidades, promovendo homogeneização e estabelecimento de um pensamento único, o qual interessa somente a manutenção dos poderes.

As propostas unívocas e universalizantes de resolução de problemas ambientais, com a criação de cartilhas, documentos e programas uniformes de educação ambiental, mais do que resolver as questões ecológicas – ou o que é instituído como ecológico – pretendem unificar e manter um consenso sobre o que são práticas e pensamentos “ecologicamente corretos”. Fazendo, com isso, a perpetuação e ampliação de uma máquina policial e policialesca de Estado, a qual desconsidere, exclua e oprima tudo o que não estiver de acordo com o conceito de ambiental estabelecido pelo poder.

Diante desse quadro, as outras perspectivas ecologistas de educação que não sejam aquelas que estão devidamente instituídas, precisam ter um gosto cínico pelos abismos e pela freqüência aos constantes apocalipses (ONFRAY, 2007, p. 134), já que correm o constante risco da perseguição e do extermínio. Isso por estar fazendo pedagogias à margem ou nas brechas, na beira do abismo, nos buracos dos ratos ou nas tocas dos cães (GALLO, 2003), recusando a manipulação, cumplicidade e assédio dos poderes hegemônicos, os quais miram seus esforços pela perda da legitimidade ética e política das propostas alternativas.

O cinismo também nos convida constantemente a atividade da desconstrução de representações, sendo que essa tarefa, em educação ambiental, já vem sendo bastante discutida nos trabalhos de Reigota (1995, 1999b). Envolve tanto a alteração e a ampliação das perspectivas de mundo dos atores envolvidos nos processos de educação ambiental, quanto possibilita e afirma as trocas dialógicas entre as singularidades, modificando as práticas pedagógicas, fazendo-as deixarem de ser somente a transmissão de um discurso unívoco, para transformá-las em encontros alegres com o conhecimento e as diferenças.

Desconstruir a pólis, a cidade, o Estado e a pátria, como locais e noções primordiais na busca de identidade e arraigamento, pelas quais os seres humanos devem obediência, se necessário, matar e morrer. Ao sugerir uma vida cosmopolita, os cínicos, eles antecipam uma noção muito cara aos pensamentos ecológicos e libertários em educação, que é o internacionalismo, o qual sugere que é inconcebível que uma luta política pelas sociedades libertária esteja restrita às unidades geopolíticas chamadas países, criados para a consolidação de um processo de dominação e exploração (GALLO, 2007, p. 243).

Mais do que um desfacelamento das fronteiras territoriais nacionais, cosmopolitismo cínico promove o fim dos limites de pensamento entre as áreas do conhecimento. Assim como as próprias questões ecológicas terem surgido de um contexto de não permite prendê-las à uma única disciplina, não sendo somente biológicas, geográficas, educacionais, ou mesmo, somente ecológicas. Ou seja, não estão presas a um compartimento, um território do saber, ou a uma determinada disciplina. A ecologia se caracteriza justamente por sua perspectiva indisciplinar, já que pulsa constantemente por todas as áreas do conhecimento, as deslocando e recriando.

O potencial da ecologia está marcado pela intersecção, pelo encontro e pelas conexões entre os saberes e conhecimentos. Isso a torna uma nômade, a qual, assim como o Hércules heróico dos cínicos citado por Deleuze, caminha de um lado a outro, das alturas às profundidades, para desfilar nas superfícies como um conhecimento perverso, que pretende destruir as essencialidades e idealidades para dar lugar aos encontros alegres e incorporais das singularidades e diferenças. Uma ecologia que não queira o mundo ecologicamente correto, estabelecendo uma forma canônica de controle, mas que permita que a diversidade seja constantemente criada e ampliada.

O cosmopolitismo ressoa na proposta da transversalidade que Guattari (2004) entendia como uma comunicação máxima entre os diferentes níveis e sentidos, superando os impasses da verticalidade e da horizontalidade. Que nas perspectivas ecologistas de educação, possibilitem uma ação transversal que apontem para o respeito às diferenças, para a construção dos diferentes trânsitos pela multiplicidade do saberes, sem buscar uma integração ou universalização artificial (Gallo, 2000). Transversalidade como cosmopolitismo, que faça a ecologia deslizar nas superfícies,

se encontrar e dialogar alegremente com as outras áreas do conhecimento, impedindo as cristalizações.

Considerações nômades e deslocadas...

Deslocar o que se sugere estratificado. Fazer andar o sedentário. Ao dialogar com as zombarias, a resistência e o nomadismo dos cínicos, as perspectivas ecologistas de educação procuram evitar o assédio, a assimilação e a banalização que afetou tantos outros pensamentos que se tornaram oficialmente instituídos. Ao se inventarem e se experimentarem, fogem a serem consideradas como verdades a serem seguidas. Assim como recusam a serem guiadas, afirmando seu caráter libertário.

Os cínicos pensaram em modos de fazer, habitar, viver e conviver que não seriam possíveis se separados de uma política que criasse os próprios caminhos de existência, que inventasse novos valores (GODOY, 2008, p. 199), em resistência e desobediência às forças maiores que tentassem subjugar suas singularidades em nome de um projeto homogêneo de ser, de existir.

Mais do que a defesa de um determinado modo de vida, o pensamento cínico sugere às perspectivas ecologistas em educação, a própria afirmação da vida, que cria, que inventa, difere, comunica e livremente se expressa. Faz pensar uma ecologia que é:

... menos a das grandes áreas a serem protegidas, e mais a outra, à semelhança das ervas daninhas, que brota por todos os lados, deslocando fronteiras, como uma força anárquica, que remete, de um lado, a transitoriedade do mundo vivo e, de outro, à potência da própria vida. (GODOY, 2008, p. 199)

As educações ambientais, sempre reafirmadas no plural como forma de se quererem constantemente múltiplas, em seu potencial desejo libertário e nômade, sugerem uma condição que não é alheia às instituições e os espaços de poder, mas que vibra nas brechas, nas fissuras, atravessando transversalmente esse espaço estriado (Deleuze e Guattari, 1997), desobedecendo-o, não se submetendo e resistindo às suas leis e imposições.

Assim como Diógenes de Sínope, o Cínico, afirmou ser cidadão do mundo, sem pátria e sem pólis, as perspectivas ecologistas em educação, tem como um dos seus principais projetos a construção da cidadania planetária. Ou, melhor dizendo, das cidadanias planetárias, mais heterotópicas que utópicas, as quais ultrapassam fronteiras, não se deixando transformar “meramente um conjunto de cidadanias locais ou nacionais” (REIGOTA, 2008, p. 67). Mas precisam encarar e desafiar os sentimentos e identidades frágeis e impostas de pertencimentos territoriais, que temem com horror uma perspectiva internacionalista, transversal e cosmopolita de pertencimento desterritorializado de mundo.

Se Nietzsche e Deleuze entendem a tarefa da Filosofia como reversão do platonismo, e Fadigas (2003) sugere uma reversão do platonismo educacional como uma destituição do modelo platônico imperativo ao discurso pedagógico, o convite que os cínicos fazem às educações ambientais é que elas revertam o platonismo que está já inserido nas práticas oficiais e maiores de educação ambiental.

Que zombem, resistam e “cosmopolitizem” o pensamento ecológico e educacional, não se permitindo tornar meras cópias de um modelo idealizado institucionalmente e tornado verdade única. Que se façam fluidas e nômades, deslocando-se constantemente, para poder continuar sua condição insubmissa e resistente, mantendo e ampliando o potencial transformador e criativo que caracteriza essa dimensão do pensamento chamada ecologia.

REFERÊNCIAS

ARTAUD, Antonin. **O Teatro e seu Duplo**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

BRANHAM, R. B. Desfigurar a moeda: a retórica de Diógenes e a invenção do cinismo. In: GOULÉT-CAZÉ, Marie-Odile; BRANHAM, R. Bracht. **Os cínicos: O movimento cínico na antiguidade e seu legado**. Tradução Cecília Camargo Bartalotti. São Paulo: Loyola, 2007.

DELEUZE, Gilles. **Diferença e Repetição**. Rio de Janeiro: Graal, 2 ed., 2006a.

_____. **Lógica do sentido**. São Paulo: Perspectiva, 2006b.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Kafka – Por uma literatura menor**. Rio de Janeiro: Imago, 1977.

_____. **Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia**, vol. 3. São Paulo: Editora 34, 1996. (Coleção Trans.)

_____. **Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia**, vol. 5. São Paulo: Editora 34, 1997. (Coleção Trans.)

DIÓGENES LAÉRCIO. **Vida de los filósofos ilustres**. Madrid: Alianza Editorial, 2007. Clásicos de Grecia y Roma. Traducción: Carlos García Gual.

FADIGAS, Nuno. **Inverter a educação: De Gilles Deleuze à Filosofia da Educação**. Porto: Porto Editora, 2003.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

GALLO, Silvio. Transversalidade e educação: passando uma educação não-disciplinar. In: ALVES, N.; GARCIA, R. L. **O sentido da escola**. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

_____. **Deleuze e a Educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

_____. **Pedagogia libertária: anarquistas, anarquismos e educação**. São Paulo: Imaginário: Editora da Universidade Federal do Amazonas, 2007.

GODOY, Ana. **A menor das ecologias**. São Paulo: Edusp, 2008.

GOULÉT-CAZÉ, Marie-Odile; BRANHAM, R. Bracht. **Os cínicos: O movimento cínico na antiguidade e seu legado**. Tradução Cecília Camargo Bartalotti. São Paulo: Loyola, 2007.

GUATTARI, Felix. **Transversalidade e psicanálise**: ensaios de análise institucional. Aparecida: Idéias e Letras, 2004.

KRUEGER, Derek. O indecente e a sociedade: O despudor de Diógenes na cultura imperial romana. In: GOULÉT-CAZÉ, Marie-Odile; BRANHAM, R. Bracht. **Os cínicos**: O movimento cínico na antiguidade e seu legado. Tradução Cecília Camargo Bartalotti. São Paulo: Loyola, 2007.

LONG, A. A.. A tradição socrática: Diógenes, Crates e a ética helenística. In: GOULÉT-CAZÉ, Marie-Odile; BRANHAM, R. Bracht. **Os cínicos**: O movimento cínico na antiguidade e seu legado. Tradução Cecília Camargo Bartalotti. São Paulo: Loyola, 2007.

MOLES, John L. Cosmopolitismo cínico. In: GOULÉT-CAZÉ, Marie-Odile; BRANHAM, R. Bracht. **Os cínicos**: O movimento cínico na antiguidade e seu legado. Tradução Cecília Camargo Bartalotti. São Paulo: Loyola, 2007.

NIETZSCHE, Friedrich. **A Gaia Ciência**. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

_____. **Além do bem e do mal**: Prelúdio a uma filosofia do futuro. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

ONFRAY, Michel. **Cinismes**: retrato de los filósofos llamados perros. Buenos Aires: Paidós, 2007.

_____. **Contra-história da filosofia**: as sabedorias antigas. São Paulo, WMF Martins Fontes, 2008.

REIGOTA, Marcos. **Meio ambiente e representação social**. São Paulo: Cortez, 1995.

_____. **Ecologistas**. Santa Cruz do Sul: Edunisc, 1999a.

_____. **A floresta e a escola**: por uma educação ambiental pós-moderna. São Paulo: Cortez, 1999b.

_____. Cidadania e educação ambiental. **Psicol. Soc.**, Porto Alegre, v. 20, n. spe, 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822008000400009&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 06 dez. 2009.